



WAJANGA¹ – RITUAIS DE ARTE-MEDICINA EM ALDEIAS MEBENGOKRE-KAYAPÓ

Rafael Ribeiro CABRAL²
UFPA

Introdução:

Quando o Gavião-real assombrava a aldeia, todos ficavam com muito medo pois sabiam que alguém seria levado pelo Gavião para atravessar a teia da aranha *inho*. Toda a aldeia temia o grande Gavião. Até que uma família portadora das riquezas e dos conhecimentos ancestrais tiveram dois filhos (gêmeos) e os treinaram embaixo da água, no mundo das mulheres peixes. Eles cresceram fortes e vigorosos. Quando o gavião veio novamente ao ataque, os meninos que se tornaram gigantes, subiram o grande penhasco à procura do ninho do gavião real. Pensaram em um plano de ataque ao esperar ao lado do ninho o Gavião e quando ele viesse iriam o atacar. Quando o Gavião estava se aproximado do ninho, os meninos gigantes se aproximaram, se seguraram em um rochedo e bateram no gavião com duas enormes bordunas que eles tinham. O Gavião recebeu as bordunadas e foi caindo, caindo, até chegar no chão da aldeia. Depois disso a aldeia viveu em paz sem os ataques do Gavião-Rei.

O Gavião-real é a assombração de todos os nossos medos, é nosso temor mais íntimo. O *real* são as frentes de atração indígena que instalam bases de ataques como as escolas e postos de saúde dentro de aldeias indígenas. Uma feitiçaria macabra. É o também o etnocídio. O Gavião-real são também todas as feitiçarias *kuben* (não indígenas) ao aproximar os Povos Originários cada vez mais à cidade com as feitiçarias capitalistas – é enfeitiçar indígenas e transforma-los em pobres, sem identidade, sem (re) conhecimento. Neste desconhecimento, ausência e despertencimento que recorre o tempo: qual a magia que devemos usar contra a feitiçaria *kuben* ?

Essa magia é desfeita ou neutralizada pelo reconhecimento das matrizes (motrizes) culturais (LIGIEIRO, 2011). E como fazer isso? As medicinas indígenas que destaco desse momento são três: ayhuaska³, rapé⁴ e sananga⁵. Essas tecnologias da floresta

¹ “Xama” na língua Jê Mebengokre-Kayapó.

² Doutorando em Artes, professor e performer.

³ Ayahuasca, nome Quíchua de origem inca, refere-se a uma bebida sacramental produzida a partir da decocção de duas plantas nativas da floresta amazônica: o cipó Banisteriopsis caapi (mariri ou jagube) com as folhas do arbusto Psychotria viridis (chacrona ou rainha).

⁴ O rapé é um pó feito geralmente de tabaco e outras ervas e cinzas de árvores que são moídos e transformados em um pó fino e aromático que é aspirado ou soprado pelas narinas.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

são professoras e guias do aprendizado das tradições. Escolho essas três em decorrência de uma coerência farmacológica de tratamento não somente do corpo, psicofísico, mas também espiritual. Cada uma agindo em uma esfera da consciência ancestral que nos conecta a mãe terra e a natureza. A ayhuaska, o rapé e a sananga fazem parte de três grupo que ligam a cura no corpo, a cura da alma e a cura da visão.

O motivo de estar levando essas medicinas para a realização de rituais de Arte-Medicina nas Aldeias Mebengokre-Kayapó vem no resultado de mais de dez anos junto aos parentes da Terra Indígena-Kayapó em trabalhos voltados as questões de identidade e reconhecimento étnico-cultural (CABRAL, 2013; 2015). Assim, para este momento estar mais atento da importância urgente de consciência da ameaça e do adoecimento psicofísico que os parentes da Terra Indígena Kayapo (localizado no Pará) estão vivendo nesse momento.

Então para que isso ocorra serão disparados processos de criação ritual em Arte-Medicina para chegar ao DNA do problema, que para mim, apresenta-se após as incursões dos últimos anos. Esse problema que degrada a floresta, na exploração dos recursos florestas, minerais e hídricos, em algumas situações, pelos próprios parentes indígenas que estão mergulhados no adoecimento, no alcoolismo e na drogadição – que aponto ser o adoecimento da consciência indígena que se encontra em processo de silenciamento pelas cidades no entorno das aldeias. Para isso, este trabalho pretende-se instaurar rituais em Arte-Medicina em Aldeias Indígenas da etnia Mebengokre-Kayapó para fins de tratamento em processos de cura por meio dos rituais criados no processo deste trabalho.

Metodologia

Este trabalho aproxima dois percursos importantes para nossas conduções metodológicas. O primeiro, refere-se a experiência das aldeias Yuja (Juruna), localizados na volta grande do Xingu. Povo de nação Tupi que teve um encontro com as medicinas sagradas a menos de dez anos junto a um grupo de missionários da União do Vegetal. Por meio dessas incursões do grupo de missionários que manipulam e produzem a medicina, ocorreu uma experiência que para o Povo indígena Yuja foi revolucionário. A partir desse contato o Povo Yuja abriu a consciência para questões que não percebiam por estarem voltados e aproximados violentamente dos recursos e da dependência das cidades no entorno da aldeia. Nesse processo, o Povo Yuja começa a realizar e produzir suas próprias cerimônias na utilização das medicinas, onde a porta de entrada foi o chá sagrado – *ayhuaska*.

Outra experiência que revolucionou os modos de existência, foi a experiência com os

⁵ Sananga é um colírio indígena, preparado a partir de um arbusto (Tabernaemontana sananho, cujo nome indígena é Mata Heïns) encontrado nas florestas amazônicas. É extraído da casca da sua raiz um sumo, em decocção, e utilizado como um colírio natural que opera em duas vertentes energéticas de cura: a física e a psicológica



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Guarani M-bya, localizados no entorno da cidade de Florianópolis. Os Guarani no processo com a medicina do chá sagrado, reconectou a espiritualidade e despertou novamente os guias que os colocaram para o trabalho espiritual. Hoje os Guarani, produzem seu próprios já e administram a medicina até mesmo para indivíduos da cidade.

Além desses compartilhamentos de experiência, o campo dos Estudos da Performance ajudará na criação de um ritual que ainda está e processo de construção. O ritual é preparado a partir da cosmovisão Mebengokre-Kayapó, inserindo as narrativas, os personagens mitológicos, os cantos, as danças e as visualidades para ocorrer maior conexão dos códigos de comunicação material e espiritual próximo a tradição dos indígenas das aldeias Mebengokre-Kayapó.

Resultados e discussão

Pretende-se analisar fichas de anamneses coletadas no percurso inicial das feitura rituais. Avaliar os relatos e as expressões de tomadas de consciência sobre a situação atual e do perigo eminente do *céu cair* em nossas cabeças. Então discutir sobre os processos de instauração ritual em Arte-Medicina para o benefício social das aldeias Mebengokre-Kayapó.

Conclusões

Criar e experimentar rituais em Arte-Medicina para os benefícios de cura psicofísica na expansão da consciência individual e coletiva para melhoramento sociocultural das aldeias indígenas de etnia Mebengokre-Kayapó.

Palavras-Chave: Arte-Medicina, Ritual, Mebengokre-Kayapó.

Referências Bibliográficas

CABRAL, Rafael. Teia de Pykatôti: um estudo da corpografia mēbēngôkré do Rio Fresco na Amazônia Brasileira. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Pará, 2015.

CABRAL, Rafael. Ameríndios Mex: Um estudo do treinamento corporal a partir dos grafismos de animais sagrados para etnia Mēbēngôkré da aldeia de Apexty. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) – Universidade Federal do Pará, 2013.

CESARINO, Pedro de Niemeyer. Histórias indígenas dos tempos antigos. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

CESARINO, Pedro de Niemeyer. ONISKA – poética do xamanismo na Amazônia. Perspectiva: Fapesp, 2011.

CESARINO, Pedro de Niemeyer. Quando a terra deixou de falar. São Paulo: Editora 34, 2013



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Pajelança e religiosidades africanas na Amazônia. Belém – PA: Editora da UFPA, 2008.

SCHECHNER, Richard. “Pontos de contato” revisitados. In. Antropologia e Performance: ensaios na pedra. Org. DAWSEY, John. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvage. São Paulo: Casac Nayf, 2002

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Araweté: O povo tupi da Amazônia. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Metafísicas Canibais. São Paulo: Ubu Editora, n-1 edições, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. PANDEMIA. São Paulo: N-1, 2016.

SCHECHNER, Richard. Between Theater and Anthropology. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1985.

SCHECHNER, Richard. O que é performance. O Percevejo, UNIRIO, n. 12, 2004

LIGIEIRO, Zeca. O conceito de “motrizes culturais” aplicado às práticas performativas afro-brasileiras. DOSSIÊ: R. Pós Ci. Soc. v.8, n.16, jul./dez. 2011